



ENTRE UM AXÉ E UM AMÉM: A CIDADE DO RIO DE JANEIRO EM DISPUTA

Bruna Domingos Ribeiro¹

Universidade Federal Fluminense (UFF)

RESUMO

O objetivo deste artigo é expor, à luz da análise do discurso materialista, uma reflexão sobre a disputa pelo território da cidade do Rio de Janeiro pelo viés religioso e como essa disputa é atravessada por discursos racializados. Para isso, serão apresentados flagrantes urbanos que compõem um arquivo formado por diferentes registros de discursividades ligadas a sentidos religiosos na cidade. Alguns dos registros que serão apresentados neste artigo são recortes do que foi analisado no trabalho “Cenas enunciativas da divisão do cotidiano: discursos religiosos em conflito no espaço urbano” (RIBEIRO, 2024). Trata-se de materiais que evocam práticas discursivas distintas inscritas tanto na ordem do religioso quanto na da urbanidade na cidade do Rio de Janeiro. O propósito é pensar em como práticas religiosas funcionam discursivamente na cidade, centrando, no caso, em duas delas, a saber: as práticas evangélicas e as práticas religiosas de matriz afroindígena, como a umbanda. Buscar-se-á com este trabalho propor reflexões sobre recortes que, apesar de serem produzidos a partir de condições de produção distintas, têm em comum a disputa de sentidos que se dá no âmbito do discurso religioso.

Palavras-chave: Rio de Janeiro. Umbanda. Religião Evangélica. Discurso racializado.

ABSTRACT

The aim of this article is to present, in the light of materialist discourse analysis, a reflection on the dispute over the territory of the city of Rio de Janeiro through the lens of religion and how this dispute is crossed by racialized discourses. To this end, we will present urban scenes that make up an archive made up of different records of discourses linked to religious meanings in the city. Some of the records that will be presented in this article are clippings of what was analyzed in the work “Cenas enunciativas da divisão do cotidiano: discursos religiosos em conflito no espaço urbano” (RIBEIRO, 2024). These are materials that evoke different discursive practices inscribed both in the order of the religious and in that of urbanity in the city of Rio de Janeiro. The aim is to think about how religious practices function discursively in the city, focusing on two of them: evangelical practices and Afro-indigenous religious practices, such as Umbanda. The aim of this work is to propose reflections on clippings that, despite being produced under different conditions of production, have in common the dispute over meanings that takes place within the scope of religious discourse.

Keywords: Rio de Janeiro. Umbanda. Evangelical Religion. Racialized Discourse.

INTRODUÇÃO

"O RIO, COMO TODAS AS CIDADES NESTES TEMPOS DE IRREVERÊNCIA, TEM EM CADA RUA

¹ Mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Especialização em Língua Portuguesa pelo Liceu Literário Português. E-mail: brunadomingosribeiro@gmail.com



“UM TEMPLO E EM CADA HOMEM UMA CRENÇA DIVERSA”. (JOÃO DO RIO)

Ao falar sobre as diferentes manifestações religiosas presentes no Rio de Janeiro, o jornalista João do Rio provavelmente não imaginaria que tanto tempo² depois do seu comentário, o que ele classificou como irreverência, era, na verdade, uma batalha pela imposição de sentidos ligados às crenças diversas e que tempos depois se transformaria em uma disputa pelo território do Rio de Janeiro pelo viés religioso. Reconhecendo a não-transparência da linguagem, ao falar sobre essa disputa, destaco que o que devemos ter em mente é que essa relação, na verdade, é marcada pelo que é real ou simbólico dentro do espaço no qual se inscrevem sujeitos divididos.

Ao pensar na cidade do Rio de Janeiro desde seus primeiros movimentos e registros de ocupação à contemporaneidade, trago como ponto de partida um sentido ligado à palavra carioca, adjetivo comumente atribuído não somente ao território dessa cidade, mas também aos sujeitos nascidos nele. De origem indígena, mais especificamente tupi-guarani, carioca pode ser significado como *kari'oka* - casa do branco³. O termo, por si só, expõe uma contradição: sua base linguística é indígena, mas carrega uma noção de pertencimento da cidade a um outro grupo étnico, o dos brancos, que parece, no campo religioso, ter sido levado bastante a sério, pois, desde o início da presença de europeus em solos cariocas, o catolicismo, religião inscrita em sentidos ligados à branquitude, tem sido imposta e neutralizada, enquanto os que são ligados a outros grupos étnicos, como a umbanda, por exemplo, dos indígenas e dos negros, passaram por vários processos de desvalorização e apagamento histórico.

Hoje em dia, o catolicismo já não tem tanta força quanto nos primeiros momentos de ocupação europeia em território carioca, mas uma outra religião, também sedimentada por um ideário que vem de sentidos ligados à branquitude, tem ganhado cada vez mais força nesse lugar: a religião evangélica. Adianto que ao falar sobre essa religião em específico, a partir das proposições de Oliveira (2015), o faço com a ciência de que atualmente ela tem a maior parte de adeptos composta por sujeitos negros, mas isso não apaga a sua constituição de religião por meio da qual são difundidos sentidos ligados ao que vem da branquitude. Ou seja, levando em conta a expansão das igrejas evangélicas no território carioca, podemos pensar que ele continua sendo a casa do branco, onde ele - o branco - determina o que pode ou não ser feito, como o contato com o que é sagrado deve ou não ser forjado.

Antes de prosseguir com o que se pretende com a exposição do que tenho colocado em discussão até aqui, creio que seja necessário inserir um adendo: com base na noção da complexidade do processo de interpelação ideológica, não devemos voltar o nosso olhar a sujeitos que pertencem a um determinado grupo étnico de forma estereotipada, como se todo negro devesse ser candomblecista ou filiado a alguma outra religião marcada pela participação de seus antepassados para se afirmar como negro na formação social brasileira; assim como todo branco deva, obrigatoriamente, ser católico ou evangélico. Pelos suportes teórico e analítico oferecidos

² O enunciado proferido pelo cronista faz parte da obra *As religiões do Rio*, uma compilação de reportagens publicadas na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, entre janeiro e março de 1904.

³ Informação obtida pelo dicionário online da Biblioteca da Funai. Disponível em: <http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/Folheto43/FO-CX-43-2739-2000.pdf>. Acesso em: 31 maio 2025.



pela psicanálise, é necessário que se pense no sujeito de forma individualizada, pois “para a psicanálise, só se fala de um por um, só se fala da absoluta singularidade” (SOUZA, 2008)⁴.

O que pretendo expor neste artigo é justamente como o cruzamento de diferentes religiões, a saber: a evangélica e a umbanda, abre espaço para diferentes produções de sentidos dentro de aspectos religiosos próprios de cada uma e como esses sentidos são atravessados por discursos racializados. Para isso, apresentarei um arquivo composto por quatro materiais distintos: duas cenas enunciativas, um panfleto evangélico e a prática do jongo.

O apontamento que fiz anteriormente é necessário para que possamos avançar de forma reflexiva acerca do que tem acontecido atualmente. Conforme exposto por Oliveira (2015), a adesão de negros a igreja evangélica tem sido cada vez maior; em contrapartida, de acordo com Pondé (2023)⁵, terreiros de candomblé e umbanda têm sido ocupados cada vez mais por sujeitos, pelo aspecto socialmente estabelecido, racialmente brancas. Entretanto, a tomada de posição assumida por negros umbandistas não é a mesma do que a de brancos ligados à mesma religião; assim como a tomada de posição assumida por negros evangélicos não é a mesma de brancos ligados à mesma religião. Sujeitos desses grupos podem até se inscrever na mesma religião, seja evangélica ou umbanda, mas não são atravessados pelos mesmos sentidos. Isto porque a nossa formação social é fundamentada por uma base ideológica racista que naturaliza sentidos que inscrevem o evangelho como religião e umbanda como macumba. Além disso, há nela - a nossa formação social - uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento (ALMEIDA, 2019) e, em função disso, há a manifestação de práticas que acarretam desvantagens ou privilégios para sujeitos a depender do grupo social ao qual pertençam.

Aqueles que se identificam com o discurso evangélico não compartilham das mesmas experiências do que os que se identificam com o discurso umbandista. Isto não somente pelos sentidos de racialização que afetam a forma-sujeito de cada um, pois, como já vimos, as duas religiões são racialmente heterogêneas, mas sim pela constituição histórica de cada uma (RIBEIRO, 2024).

A constituição histórica da igreja evangélica é ligada a imigrantes europeus que chegaram ao Brasil, principalmente no final do Século XIX, em busca de melhores condições de vida e de trabalho (OLIVEIRA, 2015); posteriormente, veio o neopentecostalismo com a chegada dos norte-americanos como efeito de uma parceria com fins políticos entre Brasil e EUA, pauta essa que será explorada mais à frente. Com relação à umbanda, o processo de constituição foi bem diferente, posto que ela é uma religião com base no que vem das populações negra e indígena brasileiras, estas que foram usadas durante séculos como mão-de-obra escravizada. Ao afirmar que sujeitos negros e brancos inscritos em uma mesma religião, seja ela evangélica ou umbanda, não são atravessados pelos mesmos sentidos, o faço pensando em como essas duas religiões conectam sujeitos ao histórico de seus antepassados.

A cidade do Rio de Janeiro é marcada pela interseccionalidade de sujeitos que pertencem a diferentes grupos étnicos. Quando esse cruzamento ocorre devido à produção de sentidos inscritos na ordem do religioso, a heterogeneidade discursiva se faz presente bem como as suas

⁴ Transcrição de uma fala da psicanalista Neusa Santos Souza durante entrevista concedida, em 2008, ao Programa Espelho, exibido no Canal Brasil.

⁵ Citação feita com base nos dizeres do escritor durante participação em entrevista ao programa Linhas Cruzadas, oferecido pela TV Cultura, em abril de 2023.



contradições. Em vista disso, o que será tratado neste artigo é justamente que condições de produção geradas por esse cruzamento fomentam e possibilitam o que percebo como a instauração de uma disputa por certos territórios do Rio de Janeiro, disputa essa fortemente atravessada por discursos racializados que operam no interior de práticas discursivas ligadas ao que vem de duas religiões específicas: evangélica e umbanda.

São muitos os espaços possíveis, mas, neste momento, pensando especificamente em espaços urbanos da cidade do Rio de Janeiro, conforme citados anteriormente, penso nas favelas e em vagões de trem como lugares marcados pela sua ordem, seus movimentos e forma histórica, e também pela sua organização, na qual comparecem noções ligadas ao imaginário projetado sobre eles. Quanto à ordem, desde antes de personalidades como João do Rio, essa cidade se constitui historicamente como um lugar no qual, de fato, abriu-se espaço para uma pluralidade considerável de manifestações inscritas no âmbito religioso, mas que, possibilitada pela não-transparência da linguagem, tem propiciado uma série de contradições que deram espaço a diferentes movimentos. Já quanto ao que é referente à organização, entendo que ela é fruto de condições de produção próprias do que é da ordem da cidade e isto tem a ver, inclusive, com a forma como sujeitos inscritos nessa formação social específica funcionam em termos de projeção de um imaginário sobre a relação do Rio com diferentes manifestações religiosas.

Muitos processos relevantes que constituem a formação social brasileira contemporânea são frutos de práticas discursivas que funcionam pela interpelação de sujeitos afetados diretamente por sentidos ligados ao sagrado. Mas esse reconhecimento acerca de um ponto específico sobre o processo de interpelação ideológica não deve ser desassociado de dois questionamentos que considero importantes para pensar na questão central deste artigo: 1) até que ponto as bases capitalista e racista da nossa formação social interferem nisso? e, para além disso, 2) como o processo de racialização do discurso atua no processo de produção e circulação de sentidos ligados ao sagrado na cidade do Rio de Janeiro?

Aproveito este momento para acrescentar um adendo de que, ao falar de cidade, me limito à do Rio de Janeiro e reconheço, com base em Eni Orlandi, que cidade e urbano não devem ser entendidos da mesma forma, tendo em vista que

A cidade se materializa como um espaço significativo: nela, sujeitos, práticas sociais, relações entre o indivíduo e a sociedade têm uma forma material, resultante da simbolização da relação do espaço, citadino, com os sujeitos que nela existem, transitam, habitam, politicamente significados (ORLANDI, 2012, p. 200).

A cidade é onde se confrontam o simbólico e o político. Já com relação ao que se entende por urbano, dentro dos limites apresentados pela abordagem materialista do discurso, ele comparece como algo que “se sobrepõe à cidade e esta é identificada com o social, isto é, as relações sociais são hoje, muito frequentemente, consideradas como o mesmo que relações urbanas” (ibidem). E muito do que se constrói nas relações urbanas no cenário do Rio de Janeiro é fortemente sustentado pela ideologia capitalista, que, por sua vez, influencia a produção de discursos que funcionam dentro de formações discursivas próprias do capitalismo. Em linhas gerais, muito do que vem do *modus operandi*, bem como do que pode ou não ser dito dentro da formação social carioca é determinado pelo viés capitalista.

Com relação à base racista da nossa formação social, defendo que há nela uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento e, em função disso, ocorre a



manifestação de práticas que acarretam desvantagens ou privilégios destinados a sujeitos a depender do grupo social ao qual pertençam. Acrescento ainda que

A relação com a cidade não é a mesma para todos os sujeitos que dela fazem parte. Aqueles que se identificam com o discurso evangélico não compartilham das mesmas experiências do que os que se identificam com o discurso umbandista. Isto não somente pelos sentidos de racialização que afetam a forma-sujeito de cada um, pois as duas religiões são racialmente heterogêneas, mas sim pela constituição histórica de cada uma (RIBEIRO, 2024).

Por mais que na cidade do Rio de Janeiro haja grupos numericamente expressivos de evangélicos e umbandistas, a convivência entre eles nem sempre acontece de forma harmoniosa, já que o modo como eles se comportam em determinados espaços urbanos é fortemente influenciado por sentidos pré-construídos acerca de cada religião. Retomarei esse ponto mais à frente. O que me interessa agora é apontar como isso afeta a produção de sentidos capazes de atravessar sujeitos inscritos nesta cidade.

1 O RIO DE JANEIRO ATRAVESSADO PELA FÉ

Um sentido estabilizado de maior circulação no Rio de Janeiro é o de que a cidade é formada a partir da contribuição de diversas práticas religiosas. Entretanto, o que nem sempre pensamos é em como essa formação tem, ao longo do seu processo, uma série de contradições. Sim, cariocas, em função do cruzamento de diferentes práticas culturais, principalmente as relacionadas ao que veio da Europa, devido às práticas colonizadoras, da África por meio do Movimento Diaspórico africano e dos povos originários que habitavam esse território, são atravessados por sentidos inscritos no aspecto religioso de diferentes ordens. Mas o modo como eles são afetados por eles, pelo inconsciente, explícita e implicitamente, é fortemente sustentado por uma lógica racista e capitalista e pouco refletimos sobre isso.

Tendemos a olhar de formas diferentes para o que se inscreve em sentidos colonialistas e ao que não se inscreve. O próprio jornalista João do Rio, autor da epígrafe deste artigo, ao andar pelas ruas do Centro do Rio produzindo uma série de entrevistas com líderes religiosos, que atualmente estão reunidas no livro *As religiões do Rio* (2015), na parte em que expõe suas impressões sobre religiões dos povos africanos, especificamente o Candomblé, se refere aos seus fiéis como feiticeiros e descreve os espaços onde aconteciam rituais dessa religião “como antros de gorilas manhosos” (RIO, 1904 [2015])⁶ e uma suça de pretos histéricos.

A figura de João do Rio nos ajuda a pensar, sendo ele uma metaforização, na noção de sujeito porque, pela filiação teórica na qual se inscreve este trabalho, “a visão do sujeito da linguagem totalmente livre em seu dizer é pensada como um efeito imaginário” (DELA-SILVA, 2022, p. 94). O sujeito não é livre ao dizer o que diz e está, mesmo que não perceba, condicionado às formações discursivas que funcionam a partir de condições de produção próprias de uma determinada formação social. Por isso, o que foi dito pelo jornalista e cronista não deve ser visto como algo banal

⁶ Vale lembrar que a associação entre negros e primatas não têm a ver necessariamente com semelhanças físicas que muitos insistem em defender. Na verdade, tem a ver com a colocação de negros como seres menos evoluídos no quadro da evolução da espécie humana defendido pelo cientista Charles Darwin, no Século XIX. O próprio, em sua passagem pelo Rio de Janeiro, disse que os brasileiros eram como macacos (PEREIRA; SILVA, 2015).



e isolado e sim como efeito de um processo que funciona no interior do processo discursivo, pois, “nós nos significamos no que dizemos. O dizer deixa vestígios do vivido, do experimentado e o gesto de interpretação mostra os modos pelos quais o sujeito (se) significa” (ORLANDI, 2005, p. 193). Nada do que dissemos é vazio de sentidos.

Interessa-me notar como a língua, ao ser compreendida como opaca, faz com que evidências pelas quais “todo mundo sabe” gerem deslizamentos de sentidos que podem gerar um efeito de apagamento do que é de caráter material do sentido das palavras e dos enunciados (PÊCHEUX, [1975] 2009). Por meio dos dizeres de João do Rio, busco cumprir dois objetivos: o primeiro é o de tomá-lo como exemplo acerca do papel da língua na produção discursiva em relação ao discurso religioso, o segundo é o de usá-lo como material para pensarmos em como a produção de um discurso carrega muito mais sentidos dos que os que são postos como evidentes. Mais que isso: como os dizeres de João do Rio têm sentidos implícitos que se mantêm circulantes mesmo tanto tempo depois de sua publicação, o que acaba sendo um reflexo de como lidamos com religiões que não se inscrevem em práticas da branquitude. Um exemplo disso é o que podemos chamar de Guerra Santa que atualmente constitui a cidade do Rio de Janeiro. Atualmente, algumas regiões - sobretudo periféricas - estão proibidas de abrigarem igrejas católicas e terreiros de umbanda e só podem ter templos religiosos que sejam inscritos no evangelho, como é o que acontece com o Complexo de Israel, um conjunto de favelas na Zona Norte do Rio de Janeiro dominadas pelo Terceiro Comando Puro (TCP), facção criminosa do tráfico de drogas que só perde para o Comando Vermelho (CV) em área territorial subjugada⁷.

Nesse caso, as palavras que fazem parte do enunciado reproduzido pelo João do Rio são carregadas de sentidos que abrem espaço para que práticas ligadas às religiões afro-indígenas, como a umbanda, ocupem o lugar daquilo que é selvagem, incivilizado, descredibilizado, usado para fazer o mal, como algo da ordem do que deve ser rechaçado.

Vale lembrar que o foco aqui é pensar em como práticas religiosas que não venham da branquitude são marginalizadas na formação social do Rio de Janeiro. Essa marginalização abre

⁷ O Complexo de Israel é comandado por um sujeito, que, ocupando a posição de traficante, era obcecado com uma ideia: “Libertar o povo da Alta”, como é chamada a Cidade Alta, uma das favelas que faz parte do complexo. Durante meses, só pensava em como assumir o controle daquele conjunto habitacional em Cordovil, Zona Norte do Rio, vizinho à Parada de Lucas, favela que o traficante já controlava com assistencialismo e mão de ferro. Esse mesmo sujeito foi criado pela mãe, umbandista, que recebia santo (o Erê) vestida de branco, comia pipoca e doces de criança na esquina da Avenida Brasil, uma das principais vias da cidade do Rio de Janeiro, que liga áreas das zonas central, norte e oeste. Na fase adulta, sendo convertido ao evangelho, passou a adotar um discurso de “povo escolhido”. Mandou colocar a Estrela de Davi no topo da Cidade Alta e desenhou as bandeiras de Israel por toda parte. Seu bando passou a ser chamado de Tropa do Aarão, em referência ao personagem bíblico que, ao receber um chamado divino, foi até o seu irmão, Moisés, para ocupar a posição de porta-voz. A influência evangélica fez também com que as favelas que fazem parte do complexo fossem desenhadas com passagens bíblicas. Na esteira disso, vieram a intolerância e o racismo religioso. Terreiros foram proibidos, e imagens de santa retiradas. O traficante já foi investigado por ordenar ataques a terreiros de religiões de matriz africana, através da atuação do Bonde de Jesus em Duque de Caxias, onde nasceu. Ele mesmo pregava em uma igreja evangélica no município e também já foi condenado pela Justiça por determinar a destruição de templos religiosos de matriz africana. Informações obtidas em reportagem do site G1.com. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2024/10/24/o-que-e-e-onde-fica-o-complexo-de-israel-alvo-de-operacao-com-tiroteio-que-parou-o-rio-de-janeiro.ghtml>. Acesso em: 31 maio 2025.



portas para o que Sidnei Nogueira (2020) define como racismo religioso, que, por sua vez, afeta diretamente o modo como muitos sujeitos inscritos na formação social carioca lidam com a umbanda.

Em contrapartida, apesar de ser mais aceita socialmente, a “aceitação” que recai sobre a religião evangélica não está livre de contradições, já que, ela é significada, principalmente, por sentidos ligados às classes menos favorecidas, periféricas e negra, o que faz com que ela também seja marginalizada. Atualmente, no Rio de Janeiro, muitos dos que se identificam com o discurso evangélico pertencem às classes trabalhadoras. Sem contar que os evangélicos muitas vezes são vistos de forma homogeneizante, o que acaba desconsiderando sua heterogeneidade constitutiva.

Retomando os dizeres de João do Rio, apresentados no prefácio deste artigo, eles têm muito mais a nos dizer do que o que se coloca pelos seus sentidos postos como evidentes. Na verdade, eles nos ajudam a entender o começo -ou a ilusão de começo- do percurso histórico-social que nos traz ao cenário que temos hoje na cidade do Rio de Janeiro: um território dividido e ocupado por sujeitos que o disputam por meio de discursividades ligadas às religiões evangélica e umbanda, ainda que muitos não se identifiquem com nenhuma delas.

O que me motiva a expor o episódio do cronista, exposto na epígrafe deste artigo, é desestabilizar seus sentidos uma vez que ele se apresenta como uma interface para pensar em discursos racializados (MODESTO, 2021) tomando o discurso religioso como dispositivo, ou seja, uma reflexão sobre como o racismo é determinante para a tomada de posição de sujeitos acerca das duas religiões, tanto a evangélica quanto a umbanda.

Considero válido destacar que discursos racializados não são o mesmo que discursos de raça e ou sobre raça. Com base em Modesto (2021), entendo que a racialização é um elemento estrutural das condições de produção do discurso que pode interferir nas instâncias discursivas. Nas palavras do analista do discurso, “Não se trata de ‘falar sobre’ raça, mas de ter os processos de racialização atravessando discursividades, ainda que por efeitos do silenciamento, da contradição, da metáfora, da paráfrase, da paródia etc” (MODESTO, 2021, p. 9). Negros, brancos e indígenas são racializados, mas não pelos mesmos processos. E isso interfere diretamente na forma como eles se conectam com o Sagrado.

Somado a essa questão racial que afeta a produção de discursos que põem em circulação sentidos ligados ao evangelho e a umbanda na cidade do Rio, com base em Orlandi, entendo o discurso religioso como autoritário, visto que “ele só se institui na relação entre formações discursivas e ideológicas” (ORLANDI, 1987, p. 240). Embora se trate de duas religiões marcadas historicamente por processos que nos levam a pensar em efeitos de resistência, o que é dito sobre uma não corresponde ao que é dito sobre a outra.

Conforme já foi dito algumas vezes aqui, atualmente a cidade do Rio de Janeiro é um território marcado por uma disputa de sentidos inscritos nas religiões evangélica e umbanda. A maneira pela qual gostaria de propor um olhar analítico sobre isso é por meio de um arquivo composto por quatro materiais distintos: duas cenas do cotidiano dividido pelo discurso religioso (uma, ocorrida no Morro dos Macacos; outra, no trem da Supervia), um panfleto evangélico e a prática discursiva do jongo.

O primeiro material é constituído por aquilo que foi classificado como cena enunciativa, com base em Maingueneau (1997)⁸, na qual um sujeito portando um megafone, no alto do Morro dos

⁸ Antes de dar prosseguimento ao percurso teórico sobre cena enunciativa, pontuo que pragmática e análise do discurso materialista não entendem sujeito e prática discursiva da mesma forma. Enquanto uma entende



Macacos, favela situada no bairro de Vila Isabel, Zona Norte do Rio de Janeiro, convida os moradores da região a participarem de culto evangélico que aconteceria na sede da associação de moradores da região. Além das materialidades da ordem do não-verbal, dou destaque às bases linguísticas que constituem a cena.

Eu sei das suas dores. Eu sei das suas lágrimas. É muito choro. É tantas decepções. É tantas lágrimas, é tanta decepção, é tanta fome, é tanta guerra na face da Terra. Um homem não se entende com o outro. Mas Jesus, toda dor, dono dessa Terra. Tudo passará, mas a palavra dele não passará, meu amigo.

O segundo material também diz respeito a uma cena enunciativa uma cena enunciativa, desta vez, em outro ponto da cidade, um vagão de um trem da Supervia, empresa responsável pelo transporte ferroviário que liga a Zona Oeste e cidades da Baixada Fluminense ao Centro do Rio de Janeiro. Nele, enquanto um passageiro evangelizava, o outro toma a palavra e canta um ponto de Exu, entidade ligada à umbanda.

O terceiro material é um panfleto evangélico obtido em uma igreja situada em uma favela de Padre Miguel, Zona Oeste do Rio, no qual se observam elementos correspondentes ao que se inscreve na ordem da linguagem verbal e ao que se inscreve na ordem da linguagem não verbal.

Imagen 1: Panfleto evangélico intitulado “Não esqueça a sua alma”

sujeito como alguém senhor de sua consciência, a outra considera sujeito como determinado pela ideologia e afetado pelo inconsciente. Diante dessa oposição, defendendo que os sujeitos que fazem parte de uma cena enunciativa não são seres tomados conscientemente de intenções sobre o que dizem ou fazem, como postula a pragmática, e sim como produtos de uma formação social na qual estão inscritos e por isso ocupam determinados lugares em um processo discursivo. É nesse ponto que a subjetividade enunciativa comparece sobre a enunciação, cujos efeitos são o de “constituir o sujeito em sujeito do seu discurso e, em função disso, o assujeitamento” (MAINGUENEAU, 1997, p. 33). Nesse sentido, propomos, incialmente, que se pense em cena enunciativa a partir do que concerne a enunciação. Para Glzman (2024), a enunciação produz sentidos que estão para além do sujeito, por isso é importante pensar nos efeitos tornados possíveis por ela (RIBEIRO, 2024).



Fonte: Igreja do Conjunto de Padre Miguel

Ao longo do panfleto, aparecem inscrições importantes para se pensar na discursivização de um dizer capitalista pelo interior de um discurso religioso. Penso em como um panfleto é uma materialização de uma ferramenta capitalista de divulgação do discurso evangélico, a propaganda. Pêcheux (1979) toma a propaganda como um dispositivo essencial do Estado capitalista autoritário moderno.

Um dos sentidos que o panfleto faz circular é o que relaciona trabalho e vida mundana. Um gesto de interpretação sobre os dizeres registrados pelo uso do texto verbal, em função de atividades mundanas, para termos acesso a bens de consumo, como os citados no texto, não há tempo para se buscar o alimento metaforizado pela palavra de Deus. Aí está a relação que esse texto estabelece com o sentido de trabalho. De acordo com ele, as pessoas trabalham muito para terem condições financeiras e, consequentemente, terem acesso a tudo que é elencado no texto e, por isso, não têm tempo para Deus. Em contrapartida, o que esse texto ignora é que a relação que atravessa sujeitos inscritos na nossa formação social com a noção de trabalho se dá pela via capitalista, pois, o acesso a bens de consumo conquistados é adquirido pela força de trabalho (RIBEIRO, p. 92, 2024).

O discurso sobre trabalho implicitamente marcado no panfleto está sendo posto em circulação em um território ocupado por sujeitos, em sua maioria não brancos. Estamos falando de



uma favela no Rio de Janeiro, território que, historicamente, é ocupado por sujeitos que são constituídos enquanto tal pelo valor ao trabalho.

Por fim, o quarto e último material é a atividade do Jongo da Serrinha a partir de registros feitos durante uma visita feita ao Museu do Jongo, localizado no Complexo da Serrinha, em Madureira, Zona Norte do Rio. Dentre as materialidades analisadas, destaca-se o próprio espaço como efeito de resistência dos descendentes do povo bantu, trazido ao Rio de Janeiro para ser escravizado e que hoje tem forte relação com práticas ligadas à umbanda.

Algo que se revela ao longo dos gestos de análises sobre cada material é como cada um se inscreve tanto na ordem do social quanto do político. Social porque todos têm no interior de seu funcionamento contato com a noção de memória discursiva, o que interfere diretamente na tomada de posição de sujeitos e como isso afeta o modo como eles se relacionam entre si. É pela memória discursiva que são constituídos “entendimentos” sobre cada religião, cujo efeito é a divisão sobre um imaginário acerca do que seja religião.

Já quanto ao aspecto político, todos têm relação em algum nível com a base ideológica capitalista que sustenta a formação social carioca. Nesse interim, entram pautas que se inscrevem dentro do discurso capitalista, como a dos genocídios negro e periférico e a vida cotidiana dentro e fora do mundo do trabalho.

Pensem, por exemplo, na proporção entre igrejas evangélicas e terreiros de umbanda. Os espaços dedicados às duas religiões não coabitam a cidade da mesma forma, fruto de uma política que vem desde o início do Século XX e que ganhou força, principalmente, graças à intervenção norte-americana. Durante o período da Guerra Fria (1947-1991), os Estados Unidos enviaram milhares de missionários de seitas evangélicas ao Brasil para não somente popularizar visões reacionárias da fé como também para implantar e defender governos subservientes e capitalistas que se opusessem ao comunismo e se alinhasssem à economia de mercado que os EUA tentavam expandir para todo o planeta.

Desde antes dessa intervenção norte-americana em projetos políticos brasileiros, a nossa formação social já era sustentada por uma base capitalista. Isto fez com que sentidos ligados, por exemplo, à teoria da prosperidade ganhassem cada vez mais força dentro do discurso evangélico, algo que comparece com bastante força no terceiro material do arquivo, por exemplo. A própria proporção alcançada pelo livro *Café com Deus pai: porções diárias de renovação* (ROSTIROLA, 2022) dentre, principalmente, grupos formados por sujeitos que se identificam com o discurso evangélico reforça essa ideia.

É pela entrada especificamente do discurso capitalista, nessa discussão, que vejo um espaço para elaborar uma reflexão um pouco mais aprofundada sobre discurso racializado. Brancos, negros e indígenas são racializados por discursividades que circulam na nossa formação social, mas não da mesma forma e o contato com o sagrado também faz parte disso.

Enquanto a igreja evangélica vem de um cenário urbano, primeiro a cidade de São Paulo e depois a do Rio de Janeiro, e depois ganha espaço em áreas rurais não somente da cidade do Rio como também de todo Estado (OLIVEIRA, 2015), a umbanda faz o caminho contrário (SIMAS, 2021). Isto demonstra que as condições de produção fornecidas pela formação social carioca não são iguais às duas religiões e, já que estamos pensando em questões específicas do território urbano da cidade do Rio de Janeiro, se há uma disputa de território em andamento, aparentemente umas das religiões está em vantagem, no caso, a evangélica.

Ao falar sobre a ocupação desigual do território do Rio de Janeiro, o faço não necessariamente em tom de crítica vazia, mas sim como um apontamento iniciado por Lima Barreto



em sua obra *Clara do Anjos* (1949) sobre a expansão do protestantismo no Rio de Janeiro ao falar sobre o personagem João Pintor que fazia parte de uma, conforme as palavras de Barreto, espécie de seita trazida ao Brasil pelos yankees e sobre como isso é fundamentado pelo aspecto racista da nossa formação social.

Em contrapartida, os terreiros de umbanda explicitamente denominados com esse nome estão cada vez mais escassos no cenário urbanos⁹, como efeito das duras perseguições políticas sofridas, principalmente durante o período da Ditadura cívico-militar (SIMAS, 2021)¹⁰ e o que vemos, muitas vezes, são espaços onde acontecem rituais próprios dessa religião nomeados como centros espíritas, o que se revela como um ponto importante a ser observado e denuncia, de antemão, como a umbanda atualmente se inscreve na nossa formação social. Mesmo que a sua formação tenha base na intersecção com o espiritismo kardecista, estratégia utilizada como forma de se legitimar na cidade, umbanda é umbanda e espiritismo é espiritismo. Mas isso não tem se mostrado um impedimento para que haja a suspensão da circulação de seus sentidos no cenário carioca. O sincretismo religioso, por exemplo, um dos movimentos de maior expressão da umbanda, mantém-se bastante forte, assim como práticas umbandistas que ao longo dos anos foram incorporadas e naturalizadas na formação social carioca.

Um dos feriados mais tradicionais do Rio de Janeiro, o dia de São Jorge, é uma boa amostra de como os cariocas são atravessados pelo que vem da umbanda, mesmo se contra identificando com sentidos ligados a essa religião e também de como essa religião se impõe como discurso autoritário na formação social carioca. Celebrado também como dia de Ogum, a data é um feriado sincrético, ou seja, católicos, umbandistas e sujeitos ligados a outras religiões desfrutam das oportunidades que um dia de feriado pode proporcionar, como: não ter que trabalhar, descansar, ter tempo de qualidade individualmente ou com a família. Não obstante, testemunham em vários pontos da cidade, principalmente em bairros suburbanos, manifestações de diferentes ordens, mas que se inscrevem nesse cenário religioso. As igrejas católicas do santo homenageado têm programação repleta de festividades, com missas cheias (a mais tradicional delas, a Igreja de São Jorge, situada no bairro de Quintino, Zona Norte carioca, reúne centenas de fiéis que participam da alvorada); já os terreiros de umbanda promovem giras de Ogum e nas ruas da cidade não são poucas as aglomerações regadas a samba e feijoada.

Sujeitos são conectados a memórias que os constituem como evangélicos ou umbandistas de modo que essas identificações, por meio da memória, produzem também efeitos de racialização. É assim que acontece a interpelação ideológica movida por tensões raciais, pois, “na evidência que a interpelação ideológica busca produzir, sentidos em disputa marcam a questão que atravessa as tensões raciais e o modo como o sujeito-negro se elabora como negro” (MODESTO, 2018, p. 143). Neste momento, com base na contribuição de Modesto, volto a afirmar o que foi dito na introdução deste artigo: a tomada de posição de um sujeito branco umbandista não é a mesma da que a de um sujeito negro identificado pela mesma religião; a tomada de sujeito branco evangélico não é a

⁹ Informação obtida por meio da leitura da reportagem do site Brasil de fato. Disponível em: <https://encurtador.com.br/c7AE2>. Acesso em: 1 jun. 2025.

¹⁰ “Em 2019, depois de 75 anos sob posse da Polícia Civil do Rio de Janeiro, uma coleção com centenas de objetos afro-religiosos apreendidos foi transferida para o Museu da República. A ação só foi possível devido a mobilização do coletivo afro-religioso Nossa Sagrada, que hoje, junto ao museu, detém a guarda compartilhada das peças.” Disponível em: <https://encurtador.com.br/Ej6Fq>. Acesso em: 1 jun. 2025.



mesma da que a de um sujeito negro identificado pela mesma religião porque os sentidos que atravessam cada um enquanto sujeitos na formação social brasileira não são os mesmos.

A relação entre as religiões evangélica e umbanda e o que propõe Orlandi sobre discurso religioso como discurso autoritário se dá pelo fato de que

ambas as religiões, por sustentarem discursividades que demarcam disputa pelo território carioca, não permitem que sujeitos habitantes desta cidade sejam formados enquanto sujeito sem que, direta ou indiretamente, sejam afetados por elas. Isto porque elas fazem parte da constituição da cidade do Rio de Janeiro, cujos residentes são, pelo inconsciente, atravessados por elas (RIBEIRO, 2024, p. 118).

Na cena enunciativa 2, por exemplo, esse autoritarismo do discurso religioso comparece com mais nitidez. No meio da disputa entre quem tinha o direito à palavra dentro do trem da Supervia estavam os passageiros tentando desfrutar do direito de voltar para casa, se possível, usufruindo daquilo que lhes é garantido por lei: a proibição de manifestações religiosas em transportes públicos.

Com relação ao jongo, especificamente o *Jongo da Serrinha*, a disputa por território é materializada pela demarcação do próprio Complexo da Serrinha, complexo de favelas situado na Zona Norte do Rio de Janeiro. Nesse espaço, temos A casa do Jongo e o Museu do Jongo e, ao longo dos muros das favelas, símbolos que nos remetem à ideologia cristã evangélica como a do Smilinguido, personagem infantil criado para ser um meio de comunicação da mensagem Cristã, assim como a de versículos bíblicos. Nas ruas que dão acesso ao Museu do Jongo, um espaço dedicado à preservação da memória dessa atividade sincrética e que muito se assemelha a um terreiro de umbanda, não são poucas as intervenções artísticas inscritas pelo evangelho.

Neste momento de análise, acrescento um ponto que considero de fundamental importância: pensar em como sentidos são produzidos a partir de um ideário racista que afeta diretamente a produção discursiva na formação social carioca.

Sustentada pelo que propõe Sueli Carneiro (2023), explico que, ao pensar em ideário racista, devemos ter em mente o fato de que ele é algo que tem relação com a capacidade de naturalizar uma determinada concepção sobre o Outro, o que me leva a refletir sobre o seu efeito construção da memória discursiva pela qual somos afetados. No interior de processos discursivos sobre as duas religiões, há um ideário racista que interfere em formações discursivas que determinam o que podemos ou não dizer sobre evangélicos e umbandistas. O que e diz sobre uma, não é o mesmo que se diz sobre outra e muito desse dizer é sustentado por ideologias racistas.

Ao usar a contribuição de Sueli Carneiro como âncora para o que venho tentando apresentar neste artigo, o faço pensando no que seriam representações, a partir de sentidos racializados, de coisas, forma e conteúdo que circulam na cidade do Rio de Janeiro para que manifestações religiosas evangélicas e umbandistas não sejam vistas da mesma forma, como materializações de um coletivo x ou y em prol de poder usufruir de espaços que a cidade dispõe.

CONCLUSÃO

Encerro esse artigo defendendo a ideia de que o modo como a religião evangélica e a umbanda foram sendo discursivizadas na formação social brasileira, e aqui me limito especificamente à carioca, nos dão fortes indícios de como a hegemonia da branquitude produz sentidos. As denominações evangélicas, especialmente aquelas com maior absorção de sentidos



ligados à negritude, passaram a ter que incorporar sentidos de resistência às suas práticas discursivas, dentro e fora do próprio meio, o que interfere diretamente no seu próprio modo de se inscrever no território do Rio de Janeiro. Já a umbanda, que originalmente era marcada por sentidos ligados à negritude e indigenismo, para ser inscrita no espaço urbano de forma menos vulnerável às violências, precisou incorporar em suas práticas discursivas sentidos ligados à branquitude. Vimos isso ao longo do texto, porém, o que me instiga neste momento de conclusão do trabalho é em como isso tem a ver com o modo como cada uma foi afetada por diferentes condições de produção e circulação ao produzirem seus discursos e se inscreverem na cidade. Se cabe ao analista do discurso desestabilizar sentidos postos como evidentes e em pensar em sentidos implícitos que a linguagem pode carregar, comprehendo que, por meio da produção discursiva das duas religiões que serviram de suporte religioso para cada um dos materiais, o que elas escondem é a urgência de povos marginalizados e silenciados em sobreviver a um território que pode até parecer acolhedor, mas que na verdade é hostil e racista.

Espero que esse artigo seja um convite para refletirmos sobre como sujeitos identificados pelas referidas religiões ousam em não se submeter às formações discursivas impostas pela formação ideológica dominante, que é racista, para, em contrapartida, produzir efeitos de resistência às violências reais e simbólicas produzidas no próprio espaço urbano.

Creio que feitas essas considerações, estamos prontos para tentar compreender – ou pelo menos aceitar, por mais que isso não seja algo sob o qual tenhamos controle, o fato de que a disputa pelo território do Rio de Janeiro materializa a força que sujeitos, mesmo que a partir dos diferentes processos de interpelação, quando unidos em nome da sobrevivência, têm. Mais que isso: se durante muito tempo, eles foram sendo excluídos de debates que foram importantes para a construção da nossa formação social, hoje eles são a pauta. Olhar para esses dois grupos tem se tornado incontornável para entender os efeitos que discursivizações racistas têm gerado na nossa formação social.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural.** Col. Feminismo plurais. Org.: Djamila Ribeiro. São Paulo: Sueli Caneiro; Editora Jandaia, 2019.

BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos.** 17^a ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser.** Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

DELA-SILVA. Silmara. **Análise do discurso: uma introdução.** Silmara Dela-Silva [et al.]. Niterói: Eduff, 2022.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em Análise do discurso.** 3^a ed. Trad.: Freda Indursky. Campinas, SP. Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

MODESTO, Rogério. **Interpelação ideológica e tensão racial: efeitos de um grito.** Disponível em: Revista Littera Online, nº 17, 2018 (124 a 145).

MODESTO, R. **Os discursos racializados.** Revista da Abralin, v. 20, n.2, p 1-19, 2021.



NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Pólen, 2020, 160pp. (Coleção Feminismos Plurais).

OLIVEIRA, M. D. **A religião mais negra do Brasil: por que os negros fazem opção pelo petecostalismo?** Viçosa, MG: Ultimato, 2015.

ORLANDI, Eni. **O discurso religioso**. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. Campinas, SP: Fontes, 1987.

ORLANDI, Eni. **A casa e a rua: uma relação política e social**. In.: Discurso e análise: sujeito, sentido e ideologia. Campinas, SP: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **Foi “propaganda” mesmo que você disse?** [1979] In: Análise de discurso. Textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Ed. Pontes, 2011, p.73-92.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação ao óbvio** [1975] 1988. Tradução: Eni Orlandi. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

PEREIRA, N, E; SILVA, D, R. **A discriminação racial a partir da associação humana ao macaco**. Revista de Gênero, sexualidade e Direito, v. 2, n.1, p 125-145, 2015.

PONDÉ, Luiz Felipe. **Pondé questiona apropriação cultural: “Um branco que pratica o candomblé tá fazendo isso?** Disponível em: <https://www.youtube.com/shorts/zMY625HytP0>. Acesso em: 1 jun. 2025.

RIBEIRO, B. **Cenas enunciativas da divisão do cotidiano**: discursos religiosos em conflito no espaço urbano. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense. Niterói, RJ, p. 125. 2024.

RIO, João do Rio. **As religiões do Rio**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

ROSTIROLA, J. **Café com Deus pai: porções diárias de renovação**. São Paulo: Editora Vida, 2022.

SIMAS, L, A. **Umbandas: Uma história do Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

SOUZA, N, S. **Entrevista de Neusa Santos Souza ao Programa Espelho**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eugWGvhG48o>. Acesso em: 1 jun. 2025.

TAUTZ, C. **Fé capitalista: como os EUA usaram a religião para combater o comunismo no Brasil**. Reportagem publicada pelo The Intercept. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2025/04/07/como-os-eua-usaram-a-religiao-para-combater-o-comunismo-no-brasil/> Acesso em: 20 abr. 2025.